



A HOMOAFETIVIDADE NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDENTIDADE NA FAMÍLIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

Yáscara Correia PEREIRA¹
Gabriel Gonçalves MATTOS²

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo teórico sobre a homoafetividade na adolescência. Traz em seu texto diferenças entre a homoafetividade no modelo de família padrão constituído até a contemporaneidade através das representações sociais, trazendo o breve histórico sobre a homoafetividade, conceitos de diferentes culturas, influência da família, e a visão da Psicologia sobre o assunto e suas consequências. Abordando como se dá a relação do homoafetivo com a família desde os tempos antigos até a atualidade, que é o foco central desse estudo.

Palavras chave: homoafetividade, família, identidade.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical study on the homoafetividade adolescence. It brings in its text differences between homoafetividade the standard family model made until nowadays through social representations, bringing the brief history of the homoafetividade, concepts from different cultures, family influence, and the vision of psychology on the issue and its consequences. Addressing how is the homoafetivo's relationship with the family from ancient times to the present, which is the central focus of this study.

Keywords: homoafetividade, family, identity.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar o desenvolvimento da identidade social do adolescente homoafetivo no meio familiar, ou seja, como o mesmo se

¹ Bacharel e formação em psicologia pela faculdade de ensino superior e formação integral de Garça FAEF
e-mail: yascaracorreia@gmail.com

² Docente da faculdade de ensino superior e formação integral curso de psicologia de Garça FAEF
e-mail: gabriel_220885@hotmail.com



apresenta dentro da família e sua recepção ao revelar sua identidade sexual. Utilizando a teoria das representações sociais (TRS) e a visão da abordagem familiar sistêmica, trabalharemos esse assunto que é polêmico e crescente em toda sociedade, além de ser extremamente importante no desenvolvimento dos mesmos, uma vez que nessa fase o adolescente encontra-se em constante mudança e na busca de sua identidade, pois esta vivendo um processo de transição.

Assim, o presente estudo além de focar o adolescente e a família também irá discutir relações sociais do homoafetivo no Brasil, de maneira a apresentar a profunda reforma nos costumes que tem modificado as consciências e remodelado as relações interpessoais, fazendo emergir um novo modelo social e sexual, que automaticamente faz uma comparação entre o “ser” no sentido de viver a homoafetividade e o “não ser”, que centraliza-se na não aceitação do indivíduo homoafetivo (tanto familiar, quanto social).

Esse “ser” homoafetivo ainda sofre muito com o preconceito das pessoas, pois é considerado diferente dos outros em diversas áreas, seja em seu desenvolvimento, no trabalho, na escola, nas relações sociais com outros indivíduos, sendo assim desprivilegiado por isso, e principalmente no espaço familiar que é o foco do presente estudo.

Ser homoafetivo está relacionado a uma cultura? Um problema? Relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo? Como se dá a recepção da família ao saber sobre o filho homoafetivo?

O ser humano deve: “reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (MORIN 2000 p. 47).

As dificuldades enfrentadas por esses adolescentes que se encontram fora do padrão estipulado pela sociedade sobre homoafetividade são extremas, pois os homoafetivos sofrem consequências no seu próprio desenvolvimento global como indivíduo, dentro de sua própria casa com sua família, sendo rejeitado, humilhado, caluniado e muitas vezes punido.



De acordo com Isay (1998) das várias tarefas a serem cumpridas durante a adolescência, uma das mais importantes é a consolidação de uma identidade sexual. O adolescente homossexual entra neste período com uma sobrecarga maior do que os adolescentes heterossexuais, pois já se percebem diferentes e em algumas situações se sentem rejeitados, o que pode levá-los a desenvolver um padrão de comportamento evitativo ou introvertido. Outra consequência possível, desta situação é a tentativa de negar a homossexualidade, procurando manter um comportamento heterossexual. Soma-se, ainda, a estes sentimentos e pensamentos (comportamentos encobertos) sobre a homossexualidade, o fato de que os adolescentes têm poucos modelos homossexuais com os quais possam se identificar, de forma a ter modelos de comportamentos adequados ou possíveis de serem admirados.

O estudo realizado busca apresentar a importância do desenvolvimento da identidade do adolescente homossexual voltada para o âmbito familiar, mostrando as consequências geradas pela não aceitação dos mesmos, não só para os filhos, mas também para os pais e todos que o cercam, pois, a visão não ampliada e o julgamento feito aos mesmos atualmente já trás consequências a todos.

2. A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DOS ADOLESCENTES

A família corresponde a um grupo social que exerce papel marcante na vida das pessoas, sendo um grupo de organização complexa, é inserido em um grupo social mais amplo que mantém constante interação (BIASOLI-ALVES, 2004). O grupo familiar tem papel fundamental na formação dos indivíduos, no desenvolvimento de sua personalidade, além de ter grande influência no comportamento dos mesmos através das atitudes e formas educativas do âmbito familiar (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998). Pode-se considerar que a família é responsável pelo processo de socialização primária das



crianças e dos adolescentes, pois é o primeiro contato da criança, a primeira socialização e desde então a família exerce o papel de apresentar a criança ao mundo, ou seja, de preparar o adolescente para viver em sociedade (SCHENKER; MINAYO, 2003).

A família exerce um papel importante também de modelo ou padrão cultural que se apresenta de formas diferenciadas nas diversas sociedades existentes e que sofre muitas transformações no decorrer do processo histórico-social. Sendo assim, para se falar de família hoje é preciso considerar que a estrutura familiar, o desempenho de papéis parentais, vem se modificando muito nos últimos tempos (SINGLY, 2000).

2.1 FAMÍLIA - Alterações nos modelos familiares

Através das gerações o modelo de família sofreu várias mudanças, desde o século XX até os anos 60 a família era nomeada como “família tradicional”, no qual os papéis parentais de homens e mulheres eram específicos, estabelecidos pela sociedade e a cultura. Sendo assim, havia certa ostentação social e cultural, na qual estabelecia papéis aos homens e mulheres vistos como “naturais” para família tradicional na época (TORRES, 2000). Através desse modelo, o homem era visto como o “chefe da casa”, sendo responsável pela remuneração familiar, tendo total autoridade sobre as mulheres e filhos, mostrando sua atuação ligada ao trabalho, fora do ambiente familiar. Já a mulher, era vista como responsável pelo trabalho doméstico, ao cuidado dos filhos e do marido, ou seja, todas as atividades que se referem ao cuidado do lar e da família, sendo submissa ao homem em todos os sentidos (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO; SILVA, 2003).

Com essas mudanças geradas surge então uma nova concepção de família, sendo nomeada como “família igualitária” (FIGUEIRA, 1987). No qual homens e mulheres estão atuando em condições semelhantes dentro do mercado de trabalho remunerado, dividindo o trabalho doméstico, educação



dos filhos, ainda que a maior parte do serviço de casa e o cuidado dos filhos fiquem mesmo assim para as mulheres, as mesmas enfrentam as dificuldades do mercado de trabalho e a conciliação do mesmo com as responsabilidades do meio familiar (SCAVONE, 2001).

Diante todas as mudanças no modelo familiar, atualmente a família moderna trás consigo a marca pela divisão de papéis entre o casal conjugal, ambos com responsabilidades diante tarefas domésticas, educação e cuidado com os filhos, a renda familiar e também a responsabilidades externas das constantes mudanças sociais que acontecem e os mesmos devem ter uma flexibilidade para adaptar-se e também conseguir conduzir os filhos a essa rápida adaptação (AMAZONAS & COLS., 2003).

Nas relações entre pais e filhos também houve mudanças, não existindo mais aquele padrão de imposição da autoridade e sim a valorização de um bom relacionamento aberto, para que possa ocorrer o diálogo entre os mesmos (LISBOA,1987), favorecendo o contexto familiar, pois o diálogo é muito importante no convívio familiar e na resolução de conflitos e a educação das crianças perdeu os aspectos autoritários estabelecidos antigamente. Além disso, esse diálogo é visto frequentemente como facilitador na comunicação entre pais e filhos, abrindo espaço para que os filhos falem de sua identidade sexual.

Diante esses aspectos, podemos observar que há um conflito constante dos valores que o individuo adquire nas etapas iniciais da vida dentro de sua família, com os valores no decorrer do seu processo de transição adolescente e na sua juventude (NICOLACI-DA-COSTA, 1985). Sendo assim, os pais ao se perceberem envolvidos no processo de educação dos filhos, esses valores entram em atrito, pois se encontram destituídos de um referencial para seguir, se mostrando em alguns momentos contraditórios na educação dos mesmos, resultando em práticas educacionais inconsistentes que influenciam no desenvolvimento destes.



Devido essas transformações, pode-se observar atualmente na realidade brasileira o aumento do número de uniões consensuais, de famílias monoparentais (chefiadas por mulheres) e de famílias reconstituídas, ou seja, famílias originadas a partir de novas uniões de um ou dois conjugues que se separaram (TORRES, 2000).

A sociedade atual não valoriza mais a uniões pelos interesses financeiros, conveniências familiares, e sim pelos laços afetivos. Sendo assim, as relações se estabelecem de formas variáveis, gerando até sentimentos de confusão e culpa nos membros familiares desses casos, pois fogem do modelo idealizado de família estipulado pela sociedade (MORICI, 2008).

Sendo assim, atualmente surge a necessidade de se aprender a conviver com as diferenças, como cidadãos civilizados, visando a inclusão de amor e afeto nas relações familiares, valorizando as variáveis representações de família na sociedade e banindo todo tipo de exclusão daqueles que são diferentes (PENA JUNIOR, 2008).

Apesar das mudanças e transformações, a família continua sendo uma instituição reconhecida e altamente valorizada uma vez que prossegue exercendo funções importantes durante todo o processo de desenvolvimento de seus membros, mantendo seu papel específico que exercia no contexto social.

A família contemporânea tem se afastado dos critérios biológicos e patrimoniais que se estabeleciam no passado, pois se encontram na necessidade de se adaptar as novas mudanças, visando o amor e afeto que fazem parte dos principais elementos da união familiar (FACHIN, 2008).

Sendo importante ressaltar que a homoafetividade não surge apenas na adolescência, pois é possível identificar traços até mesmo na infância ou o surgimento da mesma depois de uma vida inteira como heterossexual.

As representações sociais visam formas de apreender o mundo concreto, dando suporte para nomear em conjunto diferentes aspectos da realidade atual, visando a interpretação desses aspectos e posição frente aos mesmos



de forma defensiva. Essas representações tomam base em valores variáveis, dependendo dos grupos sociais dos quais tiram essas significações, baseando-se em saberes anteriores que voltam à tona por determinada situação social particular. Ou seja, é uma forma de conhecimento social elaborada e compartilhada que contribui para a construção da realidade comum em uma sociedade, (JODELET, 2002). Sendo assim, pode-se compreender a ocupação da representação da homoafetividade ao longo da história humana, desde sua comparação com o pecado, até como uma anomalia hereditária.

O agrupamento das partes que formam o todo não se dá de forma repentina, sendo necessários novos fenômenos que não são fruto direto da associação dos elementos, existindo uma série de fatores intermediários para que o agrupamento aconteça. Assim, a representação coletiva não pode ser reduzida a um conjunto de representações individuais (MOSCOVICI, 1978). Sendo assim, as mudanças nos modelos familiares, culturais, da sociedade colaboram frequentemente para que os adolescentes homoafetivos assumam sua identidade sexual para a família e toda a sociedade.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relacionamento entre pessoas do mesmo sexo perdura durante toda a história humana, registros demonstram, porém apenas o final do século XX esses relacionamentos foram assumidos publicamente, saindo assim do anonimato (MARCHICOSTA, 2008). Através das mudanças nos modelos familiares, houve assim o favorecimento para que os adolescentes hoje possam ser mais livres a ponto de assumir sua identidade sexual para seus pais.

É visível que os problemas familiares gerados por filhos homoafetivos assumirem sua identidade sexual para os pais geram algumas consequências psicológicas para ambos, pois apesar da orientação sexual não estar ligada a saúde mental, a convivência com uma identidade estigmatizada para os



adolescentes e todos indivíduos homoafetivos apresentam índices de bem-estar psicológico mais baixos que os da população em geral, onde os mesmos procuram até atendimento clínico para suporte nesse caminhada (EPSTEIN, 2006).

A Psicologia também auxilia os pais nas diversas maneiras de criarem seus filhos em diferentes entidades familiares, com novas táticas, pautados no amor, no respeito, no afeto, na negociação e na individualização, nota-se a insegurança com relação a legitimidade de si próprios nos pais, pois trazem consigo modelos passados que encontram-se em sua história necessitando serem moldados a fim de suprir as reais necessidades atuais que se apresentam na vida de seus filhos e nesse momento os pais a enxergam como o “fracasso” deles, verem os filhos seguindo caminhos diferentes do que os mesmos sonharam para eles (MORICI, 2008). Logo, a problematização da adolescência encontra-se vinculada com os valores da própria família.

Através dos avanços teóricos e práticos da psicologia e da psiquiatria, desde a década de 1990, o foco sobre a homoafetividade vem sofrendo mudanças, pois a preocupação com a origem da homoafetividade esta sendo substituída pela compreensão maior da experiência complexa e diversificada da mesma, porém ainda hoje há muito sofrimento aos homoafetivos tendo em vista as discriminações e preconceitos que enfrentam (OLIVEIRA, 2002).

Desta forma, um estudo mais aprofundado sobre o tema pode contribuir para uma prática clínica mais contextualizada e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida desta parcela da sociedade, pois os homoafetivos manifestam problemas emocionais específicos que não são compartilhados pelos heterossexuais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, M. C. L., DAMASCENO, P. R., TERTO, L. M. & SILVA, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, 8(nº.esp.), (p. 201-208).



BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. Em C. R. Althoff, I. Elsen & R. G. Nitschke (Orgs.), **Pesquisando a família: olhares contemporâneos** (p. 91-106). Florianópolis: Papa-livro.

DRUMMOND, M.;DRUMMOND FILHO, H. (1998). **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: Loyola.

EPSTEIN, R. Ser ou não ser? **Revista Viver Mente e Cérebro**, ano XIV, n. 165, 2006.

FACHIN, LUIZ EDSON. **Questões do Direito Civil Brasileiro Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Renovar, 2008.

FIGUEIRA, S. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível do social. Em S. Figueira (Org.), **Uma nova família** (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ISAY, R. A. - **Tornar-se gay - o caminho da auto-aceitação**. São Paulo: Summus, 1998.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LISBOA, M. R. A. (1987). **A sagrada família: a questão do gênero em famílias católicas**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARCHI-COSTA, MARIA IVONE. Família e Homossexualidade: tendências, conquistas e desafios. In: MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia familiar no Brasil e na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORICI, Ana Carolina. Pós-modernidade: Novos conflitos e novos arranjos familiares. In: MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia familiar no Brasil e na última década**. São Paulo: Roca, 2008.



MORIN, Edgard. Da necessidade de um pensamento complexo. In: **Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1985). Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. Em S. Figueira (Org.), **Cultura da psicanálise** (p. 147-168). São Paulo: Brasiliense.

OLIVEIRA, R. **Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina**. Tese de doutorado. Brasília: Editora da UnB, 2002.

PENA JUNIOR, MOACIR CÉSAR. **Direito das pessoas e das famílias: doutrina e jurisprudência**. São Paulo: Saraiva, 2008.

SCAVONE, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, 5(8), 47-59.

SCHENKER, M. & MINAYO, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 8(1), 707-717.

SINGLY, F. DE (2000). O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Em C. Peixoto, F. de Singly & V. Cicchelli (Orgs.), **Família e individualização** (pp.13-19). Rio de Janeiro: FGV.

TORRES, A. (2000). Aindividualização no feminino, o casamento e o amor. Em C. Peixoto, F. Singly & V. Cicchelli. (Orgs.), **Família e individualização** (pp.135-156). Rio de Janeiro: FGV.